

DA FALA À LÍNGUA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DO LATIM
FROM SPEECH TO LANGUAGE: REFLECTIONS ON LATIN TEACHING

Paulo Eduardo de Barros Veiga¹

RESUMO

Não é de espantar que, assim como uma criança brasileira, por exemplo, fala naturalmente o português, há aproximadamente dois mil anos, uma criança nascida em Roma conversava, interagia com outras crianças e brincava em latim. De fato, não se pode negar que o latim foi a língua materna dos antigos romanos, tampouco considerar como legítimo o uso artificial dessa língua como meio de comunicação por qualquer indivíduo cuja audição não consegue mais captar sequer a prosódia original do verso latino. Tendo em vista a preocupação de ensinar o latim a partir de textos originais romanos, com base na dicotomia *língua e fala*, estabelecida por Saussure, o artigo propõe refletir sobre a linguagem, tratando de questões de língua e aprendizado de latim, tendo como objetivo atualizar algumas discussões sobre ensino de uma língua antiga. O artigo é parte de um estudo maior cujos fundamentos estão consolidados nas pesquisas sobre linguagem e método realizadas, principalmente, por Lima, em *Uma estranha língua?*. Mais especificamente, este texto apresenta duas propostas metodológicas, quais sejam, a recorrência e a normalização, que procuram garantir uma coerência no estudo da língua materna, que estabelece um diálogo profundo com uma cultura, no caso, a romana. Sem desconsiderar, portanto, que o estudo do latim prioriza a competência receptiva necessariamente escrita, a metodologia visa a resgatar o contexto de produção desses textos escritos, como *falas* legítimas, para que, a partir delas, o aluno principiante adulto possa perceber, compreender e assimilar o sistema linguístico – a *língua* latina –, ao encontro dessa cultura antiga tão cara à percepção de nossa identidade, em constante diálogo.

Palavras-chave: Ensino de Língua Latina. Cultura Clássica. Metodologia. Saussure.

ABSTRACT

It is not surprising that, as a Brazilian child, for example, naturally speaks Portuguese, about two thousand years ago, a child born in Rome was talking, interacting with other children and playing in Latin. In fact, it cannot be denied that Latin was the native language of the ancient Romans, nor that the artificial use of this language, as a means of communication by any individual whose hearing can no longer capture even the original prosody of the Latin verse, is legitimate. Considering the concern to teach Latin from original Roman texts, based on the dichotomy of *language* and *speech*, established by Saussure, the article proposes to reflect on the language, discussing questions of natural language and learning of Latin, aiming to update

¹ Doutor e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP-FCLAr). Pós-doutorando pela Universidade de São Paulo, Departamento de Música da FFCLRP-USP.
e-mail: pebveiga@gmail.com

the discussions about the teaching of an ancient language. The article is part of a larger study whose foundations are consolidated in the research on language and method carried out, mainly, by Lima, in *Uma estranha língua?*. More specifically, this text presents two methodological proposals, namely, recurrence and normalization, which seek to ensure coherence in the study of the mother tongue, which establishes a deep dialogue with a culture, in this case the Roman one. Without ignoring, therefore, that the study of Latin prioritizes receptive competence necessarily written, the methodology aims to rescue the context of production of these written texts, as legitimate statements, so that, from them, the adult learners can perceive, understand and assimilate the linguistic system - the Latin language - to the encounter of this ancient culture so important to the perception of our identity, in constant dialogue.

Keywords: Teaching of Latin Language. Classical Culture. Methodology. Saussure.

Introdução e problema: o ensino do latim

Fique, pois, claro e assentado: a ideia com que aqui se trabalha é a de que “o latim é uma língua *viva* do passado” e, portanto, só em relação a esse passado cabem as providências que diferenciam o seu ensino do de qualquer língua estrangeira do presente (LIMA, 1995, p. 19).

A língua é a expressão cultural de um povo, por isso, quem estuda uma língua, estuda, necessariamente, uma cultura. Consoante as proposições de Benveniste (2005, p. 32), quais sejam, “pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma” e “o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a cultura” (BENVENISTE, 2005, p. 47) –, pode-se explicitar que o “aportuguesamento” do latim, a simulação ou o uso dele para a comunicação fluente por pessoas cuja realidade é muito diferente da de um romano não fazem sentido nenhum (pelo menos, não se procurarmos reconhecer o latim como a língua materna desse antigo povo do Lácio). Logo, um estudo da latinidade deve-se valer de textos de autores autênticos, isto é, falantes nativos do latim, de modo a percebê-lo com base em um viés linguístico em que a língua não se separa de cultura.

Procurando manter os liames entre língua e cultura na recepção escrita de uma língua, ainda mais em se tratando de um ensino de uma língua que dista aproximadamente dois mil anos, torna-se plausível rever os métodos de ensino dessa língua, que tende a ser relegada ora à mera erudição, excluindo o seu contexto social, ora a um conservadorismo fortuito, que

raramente se coloca em revisão. O problema é que, na prática, o ensino de latim, haja vista manuais consagrados cujos apontamentos e revisão não interessam no momento, desconsideram, muitas vezes, a produção dos discursos desse povo, frequentemente isolado de uma complexidade social. Assim, com a finalidade de manter um cuidado maior no trato da língua e do seu ensino, recorre-se aos estudos do mestre suíço, F. de Saussure (2003), que estão expostos no livro *Curso de Linguística Geral*. Particularmente, tomam relevo neste trabalho as dicotomias *sincronia* e *diacronia* e, principalmente, *língua* e *fala*. A metodologia sugerida, que resolveria o problema de um ensino que tende a perder a dimensão de língua materna, parte desses princípios. Segundo o linguista de Genebra, uma língua só pode ser compreendida em sua dimensão sincrônica, nunca diacrônica. “A língua é um sistema no qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, 2003, p. 102), pois, “na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que se percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam” (*idem*, p. 106). Além disso, Lopes, ao se referir à dicotomia sincronia e diacronia, afirma: “essa primeira grande dicotomia saussuriana tem a maior importância, uma vez que separa os fatores internos de um sistema dos fatores externos, histórico-culturais, que condicionam esse sistema” (LOPES, 2005, p. 74). Estudar latim, pois, implica estudar a língua dos antigos romanos em seu sistema intrínseco, e não uma infinidade de dados filológicos, externos ao sistema, muito menos dar conta de usos para que o falante de português possa produzir enunciados latinos, senão encontrar sentido em seu estudo pela recepção do texto-fonte, como discurso em diálogo, e não em produção, distante do seio social.

Já a dicotomia *língua* e *fala* pode orientar um estudo de língua na medida em que garante, a partir de textos legítimos, o acesso ao sistema linguístico latino. No caso, as *falas*, ou seja, a ocorrência do sistema virtual, que é a *língua*, possibilita perceber o seu uso. A partir dele, assimila-se a língua em seu contexto original, tramado pela cultura. A proposta, basicamente, é evitar frases artificiais, produzidas pelo falante contemporâneo, que nem sempre obedecem ao sistema legítimo e pouco contribuem com a perpetuação da cultura clássica e de sua literatura, fundamental à democratização dos discursos. Em busca do diálogo entre texto e intertexto, a proposta é partir de *falas* romanas, originais, de autores que nasceram em berço romano e antigo, para chegar à *língua*. Como esse objetivo, foram propostos dois métodos, a normalização e a recorrência, que serão tratadas mais adiante. Com

essa proposta, resolveria o impasse entre método e cultura, uma vez que, no ensino, a identidade dos romanos não seria mais excluída ou tornada subproduto dele.

Em relação a uma tendência meramente conservadora de pouco tentar modificar os dicionários e os manuais e métodos de latim, pode-se dizer que, mesmo com os avanços proeminentes na ciência linguística do último século, o ensino tradicional relegou a importância desses estudos científicos, seja pelo fato de o latim ter sido colocado em um patamar de supralíngua, seja porque o método de ensino é visto como intocável. Por conseguinte, não se verifica nesse ensino uma consciência linguística adequada que sacie a necessidade de o estudante incipiente aprender o latim e que corrija incoerências várias encontradas nesses manuais e dicionários, como aqueles apontados por Longo (2006; 2011). É essencial que se preze pela formação humanística do latinista ao mesmo tempo em que se fomenta o aprendizado da antiga língua do Lácio com base nos modernos preceitos da ciência linguística, notadamente, a saussuriana, como matriz para a produção de qualquer método de ensino de uma língua.

Ressalta-se que este estudo é parte de um projeto maior que tem como base os fundamentos estabelecidos nas pesquisas sobre método e linguagem realizadas por Alceu Dias Lima e pelos demais professores da área de latim do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCLAr). Mais particularmente, iniciou-se como projeto de iniciação científica, em 2005, sob título “Da Fala à Língua: estudos do enunciado latino”, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Thamos, dessa mesma faculdade, estendendo-se à Pós-Graduação. Deseja-se destacar, também, os estudos de Longo (2006; 2011) sobre ensino de latim, mais especificamente, suas reflexões e apontamentos em relação a problemas linguísticos e uso de dicionários.

Em se tratando de reflexões sobre o ensino de latim, além da problemática em desassociar língua e meio de produção, há outras, resultantes do artificialismo do ensino atual, bem como dos manuais e dos dicionários. É preciso, logo, romper com certos “mitos” que se criaram acerca do latim. O primeiro deles se refere ao senso-comum de que latim é língua morta. Foram os falantes naturais de Roma que morreram ou a língua? Não temos contato auditivo com o latim, por se tratar de uma língua antiga, porém chegaram até nós, pelos manuscritos, falas latinas legítimas que nos trazem, além da língua, a expressão de uma

cultura. Pode-se, pois, problematizar, por exemplo, a expressão “latim é língua morta”, comumente pronunciada. Quem morreu foram os falantes, e não a língua. Por que dizer “língua morta”? Para sustentar um discurso técnico-capitalista de que estudar os antigos seja retrógrado e não interessa ao mercado? Ou seja, há um “falso saber”, cada vez mais disseminado, sobre as línguas clássicas – que existe principalmente porque a escola básica não instrui mais. E, cada vez mais, disseminam-se preconceitos. Com isso, a democracia e a sociedade, sem dúvida, perdem porque se exclui dela parte fundamental de sua identidade. É fundamental tornar acessíveis os discursos clássicos, a todos que desejarem. É dever da escola básica e superior promover essa inclusão e reflexão. Não se pode, pois, impedir o contato do homem contemporâneo com os discursos do passado. Da mesma forma, é dever dos cursos superiores, sejam das Letras, sejam da Pedagogia, rever o processo de ensino-aprendizagem, para que se garanta a recepção desses textos, mais especificamente, da cultura e da literatura do romano. Somente com essa coerência, cedida pela linguística, que se pode conceber um ensino mais livre, porque mais humano e mais democrático.

Outra crença comum, não justificável, se refere à utilidade ou praticidade de estudar latim. Certamente, o estudante deparará com a seguinte questão: “Para que estudar latim?” À vista disso, têm-se as seguintes respostas: é importante estudar latim para aprender português; saber latim é essencial para compreender as terminologias científicas; quem sabe latim, sabe muito bem matemática; etc (FIORIN, 1991). São argumentos ingênuos, já que não possuem qualquer reflexão e consciência linguísticas, logo, podem ser facilmente refutados. Primeiramente, quem quiser aprender português e matemática, que estude português e matemática. Evidentemente, o estudante de latim tem por finalidade estudar a língua e a cultura romanas. Ademais, qualquer língua que se estude – francês, alemão, italiano, russo, japonês, sânscrito, grego antigo – auxiliará no desenvolvimento da capacidade metalinguística do aluno, logo, este melhorará, sem dúvida, seu desempenho linguístico e, conseqüentemente, seu raciocínio, caro também à linguagem matemática. Essas discussões estão fundamentadas em *Letras Clássicas no 2º grau: competência textual e intertextual*, de Fiorin (1991).

Tendo em vista o problema apresentado, qual seja, a de um ensino de latim que não perceba mais o materno, senão faz da língua um intrincado código artificial, descontextualizado de seu meio social, é mister estabelecer um ensino calcado na linguística de Saussure, que perceba, inicialmente, a dicotomia *língua e fala*. Dessa forma, partir de *falas*

legítimas latinas favorece que o principiante adulto chegue ao sistema latino, *língua*. Para isso, aborda-se uma metodologia, a seguir, cujo fim seja o acesso à língua e, também, à cultura romana.

Reflexão e Métodos: a normalização e a recorrência

Como dito, um texto em latim, quando escrito por indivíduos de uma outra realidade cultural, não a de um antigo romano, deixa de servir como fonte-documento de língua latina, tornando-se um código sofisticado de comunicação. O que se vê em qualquer produção “estrangeira” – não contemporânea aos antigos romanos – não é a língua latina, mas uma apropriação artificial dela como uma espécie de “código latinizado” que, de cultura romana autêntica nada possui, pois, desde então, já não se trata mais de uma língua materna. Portanto, é necessário desenvolver um método otimizado capaz de fornecer ao principiante adulto condições necessárias para que ele possa estudar, apreender e compreender a estrutura dessa língua antiga. Entenda-se “otimizado” o método que possibilita criar condições mais favoráveis para um aprendizado prático, coerente e mais acessível ao aluno, aprimorando a sua competência receptiva da língua latina. Para isso, o trabalho se serve de dois exercícios metodológicos: a normalização e a recorrência.

A redução de frases complexas latinas a uma espécie de “grau zero do enunciado”, transformando-as em frases simples, a fim de possibilitar ao aluno uma compreensão da estrutura frasal de um enunciado latino, denomina-se normalização. Normalizar um texto consiste, basicamente, em retirar os termos conjuntivos das orações, reconduzindo as frases a um nível enunciativo mais simples. Dessa forma, permite-se ao iniciante, com a finalidade de tornar mais tranquilo o entendimento da estrutura oracional, estudar o latim em enunciados produzidos por falantes legítimos, evitando métodos cujo objeto de estudo sejam frases produzidas artificialmente por quem não possui o latim como língua materna, os quais jamais permitirão que o aluno chegue ao latim de Virgílio, Ovídio, Catulo, Cícero, Horácio etc., ou seja, àquela língua que foi a necessária expressão humana de uma grandiosa cultura antiga. Para facilitar o entendimento do processo de normalização, nada melhor do que um exemplo bem básico em português:

A menina que gosta de Mozart é feliz.

Ao normalizar este período, elimina-se o pronome relativo “que”, introdutor de uma oração subordinada adjetiva restritiva, e separam-se os verbos, isto é, se há dois verbos, em geral, haverá duas frases normalizadas:

- 1) A menina é feliz;
- 2) A menina gosta de Mozart.

Naturalmente, se o estrangeiro estudante de português compreender primeiro as frases normalizadas, poderá entender mais facilmente o período composto, em que uma oração, por meio do pronome relativo, está estruturalmente subordinada à outra. Ademais, para a técnica de normalização, costuma-se adotar uma padronização do tempo verbal, ou seja, com fins puramente didáticos, converte-se o verbo na frase normalizada sempre ao presente do indicativo; assim, tem-se um “tempo axial”. Também há a adoção de uma ordem canônica em que se dispõem as palavras e suas devidas funções na frase:

SN sujeito + SN objeto + verbo.

A normalização é, resumidamente, uma operação destinada a estimular a recorrência.

A recorrência funciona mediante exercícios regulares em que o aluno, adotando o uso dos pronomes interrogativos e promovendo a repetição da estrutura frasal por meio de perguntas e respostas estritamente circunscritas à frase normalizada, absorverá gradualmente as estruturas frasais básicas da língua latina, sem a necessidade de memorizar mecanicamente tabelas de morfemas e suas incontáveis variantes, no que toca tanto à declinação quanto à conjugação, decorrentes de classificações convencionais e de regras arbitrárias estabelecidas pela tradição, que só levam o aluno a decorar meras substâncias fonéticas, sem reflexão nenhuma sobre a fonologia da língua. Não há sentido em obrigar o aprendiz a repetir e a reproduzir inconscientemente tabelas e mais tabelas de morfemas sem uma contextualização sintática das funções das palavras na frase. O aprendizado deve provir do texto, pois o entendimento da sintaxe latina nasce quando há o contato entre texto e aluno. De fato, não

basta que listas de variantes estejam “na ponta da língua” se o iniciante não as visualizar em um enunciado e, principalmente, não compreender as relações sintáticas que os termos exercem na frase, pois fora de um contexto sintático, a palavra não tem função. Metodologicamente, recorrente é qualquer forma de estudo em que se priorizem repetições e, para haver, no caso do latim, recorrência de estruturas frasais e variações, realizam-se, sobre um enunciado normalizado, perguntas de compreensão, as quais seriam, sucintamente, um diálogo do aluno com o texto. Para desenvolver a habilidade de elaborar perguntas e respostas estritamente circunscritas à frase normalizada, o aluno deve estudar e dominar o uso de pronomes interrogativos e suas funções conforme evidencia a tabela abaixo:

Tabela 1 – Pronomes interrogativos

Sing.	M.	F.	N.	
Nominativo	Quis? (Subst.)	Qui? (Adj.)	Quae? Quid? (Subst.)	Quod? (Adj.)
Acusativo	Quem?	Quam?	Quid?	Quod?
Genitivo	-----	Cuius?	-----	
Dativo	-----	Cui?	-----	
Ablativo	Quo?	Qua?	Quo?	
Plural	M.	F.	N.	
Nominativo	Qui?	Quae?	Quae?	
Acusativo	Quos?	Quas?	Quae?	
Genitivo	Quorum?	Quarum?	Quorum?	
Dativo	-----	Quibus?	-----	
Ablativo	-----	Quibus?	-----	

Assim, normalização e recorrência garantem o estudo do texto romano, como *fala*, o mais próximo possível de sua origem, para que o aluno iniciante consiga ter acesso ao sistema linguístico, a *língua* latina. A normalização das frases mais complexas e a repetição dos exercícios, por meio das perguntas, seriam um primeiro momento de contato com a língua

latina, sem perder de vista a cultura e o acesso a ela que somente o texto original pode garantir, em se tratando de uma língua cuja recepção seja exclusivamente escrita.

Aplicação: os versos de Virgílio

Virgílio (70 a. C. – 19 a. C.), nascido em Mântua, é considerado o grande poeta épico de Roma. Participou do círculo de Mecenas, durante o governo de Augusto, fazendo parte do tradicionalmente chamado “período de ouro” da literatura latina. Escreveu as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*, sua grande obra épica. (CONTE, 1999, p. 263). O artigo apresenta trechos das *Geórgicas*, cujo tema central é a agricultura. No Livro IV, ganha destaque o cultivo das abelhas por Aristeu, quem perseguiu Eurídice, esposa de Orfeu. Mais especificamente, à guisa de exemplificação da metodologia proposta, separaram-se os versos 453 ao 527 do Livro IV das *Geórgicas* de Virgílio, que tratam do mito de Orfeu. Desse trecho, escolheram-se, como uma amostragem mínima a constar neste artigo, os versos 511 a 513, que fazem uma comparação entre a dor de Filomela, princesa lendária de Atenas, que perdeu os filhos, e a dor de Orfeu, que perdeu a esposa, no dia do casamento.

Uma das vantagens de trabalhar, em sala, com *falas* legítimas, como proposto, é a possibilidade de tratar, na medida do possível, de literatura, apresentando ao aluno iniciante um pouco de cultura e de informação sobre os escritores. Em relação ao enredo do mito de Orfeu, como necessária contextualização à leitura, conta-se que Orfeu, após perder a sua noiva, picada por uma serpente no dia do casamento, desce aos infernos para tentar reavê-la. No reino dos mortos, ele se depara com o mundo das sombras, com os supliciados do Tártaro e até com o próprio Plutão. Com a finalidade de conseguir do deus do mundo subterrâneo e da rainha Prosérpina permissão para que Eurídice volte a viver, Orfeu entoia um melodioso canto lamentando a prematura morte da jovem e pedindo o retorno dela ao mundo dos vivos. Plutão, tocado pelas tristes canções do jovem trácio, concede o retorno de Eurídice com a condição, dada por Prosérpina, de que o vate não volte os olhos para a esposa até que o árduo caminho do Hades tenha sido concluído. Porém, o jovem, tomado por uma loucura súbita, não resiste e fita os olhos de Eurídice. No mesmo instante, ela retorna para sempre ao Hades. Orfeu, sem consolo, passa os anos seguintes tocando a lira e cantando lamentáveis canções até, um dia, ser morto pelas enciumadas Bacantes, que não conseguiam despertar novamente o amor do

vate. É importante ressaltar que, embora Ovídio e Virgílio tratem, nestes versos, de um mesmo tema – o mito de Orfeu – há nítidas diferenças entre os dois autores tanto no desenvolvimento narrativo quanto no estilo.

A seguir, aplica-se a proposta nos versos 511 a 513 do Livro IV das Geórgicas de Virgílio. Ressalta-se que os textos foram retirados do original estabelecido por Saint-Denis, nas edições *Les Belles Lettres*. As traduções do latim para o português foram feitas pelo pesquisador:

*Qualis populea maerens Philomela sub umbra
amissos queritur fetus, quos durus arator
obseruans nido implumis detraxit.*

Tal qual a triste Filomela lamenta à sombra do choupo
os filhotes perdidos, os quais o cruel lavrador
que espreita retirou implumes do ninho.

Neste trecho, Virgílio elabora, como recurso poético, um símile retórico, isto é, desenvolve uma comparação, introduzida pelo comparativo *qualis*, a qual tem por finalidade sublinhar a tristeza de Orfeu que, ao perder Eurídice pela segunda vez, lamenta a dupla morte da esposa tal como Filomela, princesa lendária de Atenas, metamorfoseada em rouxinol, lamenta a perda dos filhotes (GRAVES, 1996).

Para normalizar o período, é importante destacar a existência de um pronome relativo no acusativo plural (*quos*), que se refere a um outro termo da oração principal (*fetus*), e de dois verbos (*queritur* e *detraxit*). A substituição do pronome relativo pelo nome que ele retoma resulta em duas frases normalizadas:

1) *Maerens Philomela sub umbra populea amissos fetus queritur.*

(A triste Filomela lamenta à sombra do choupo os filhotes perdidos)

2) *Durus arator obseruans nido implumis fetus detrahit.*

(O cruel lavrador que espreita retira os filhotes implumes do ninho)

Em seguida, realizam-se exercícios de recorrência estimulada, em forma de perguntas de compreensão. Para exemplo ilustrativo, utiliza-se a primeira frase:

- 1) *Maerens Philomela sub umbra populea amissos fetus queritur.*
(A triste Filomela lamenta à sombra do choupo os filhotes perdidos).
- A) ***Quis*** *sub umbra populea amissos fetus queritur?*
(Quem lamenta à sombra do choupo os filhotes perdidos?).
R. *Maerens Philomela sub umbra populea amissos fetus queritur.*
- B) ***Quae*** *Philomela sub umbra populea amissos fetus queritur?*
(Qual Filomela lamenta à sombra do choupo os filhotes perdidos?).
R. *Maerens Philomela sub umbra populea amissos fetus queritur.*
- C) ***Quid*** *maerens Philomela sub umbra populea facit?*
(O que faz a triste Filomela à sombra do choupo?).
R. *Amisos fetus maerens Philomela sub umbra populea queritur.*
- D) ***Quid*** *maerens Philomela sub umbra populea queritur?*
(O que a triste Filomela lamenta à sombra do choupo?).
R. *Amisos fetus maerens Philomela sub umbra populea queritur.*
- E) ***Quos*** *fetus maerens Philomela sub umbra populea queritur?*
(Quais filhotes a triste Filomela lamenta à sombra do choupo?).
R. *Amisos fetus maerens Philomela sub umbra populea queritur.*
- F) ***Vbi*** *maerens Philomela amissos fetus queritur?*
(Onde a triste Filomela lamenta os filhotes perdidos?).
R. *Sub umbra populea maerens Philomela amissos fetus queritur.*
- G) ***Sub qua*** *umbra maerens Philomela amissos fetus queritur?*
(Sob qual sombra a triste Filomela lamenta os filhotes perdidos?).
R. *Sub umbra populea maerens Philomela amissos fetus queritur.*

Pretende-se elaborar uma pergunta, quando possível, para cada termo sintático da frase. Assim, se há sete elementos sintáticos (ignoram-se as preposições), haverá sete perguntas possíveis.

A fim de repensar algumas questões pontuais do latim relacionadas aos métodos de aprendizado de língua, sempre na tentativa de unir o ensino à pesquisa linguística, explicita-se que, em latim, há um único sistema de declinação dos nomes, isto é, as funções das palavras numa frase são expressas pelos seis casos do latim, e não por “declinações”. Ora, funções e desinências se confundem na classificação tradicional, pois as diferenças fônicas não implicam, necessariamente, diferenças conceituais. Para melhor elucidar esta questão, utiliza-se um exemplo em português: as desinências de plural. Ao observar exemplos de plurais, nota-se certa diversidade fônica: limões, capitães, casas, ônibus, quaisquer, homens, mulheres, degraus, casais, etc. Embora haja diferença fônica entre os exemplos, não se percebe diferença conceitual, pois todos estão no plural. Da mesma forma que em português não existem outros tipos de plural (primeiro plural, segundo plural, terceiro plural, etc.), em latim não há, por exemplo, outros “nominativos” (nominativo da primeira declinação, da segunda, da terceira, etc.). A Fonologia proporciona à pesquisa a base necessária para compreender a unidade da declinação bem como da conjugação.

É importante que o aluno, portanto, não leia ou produza apenas frases artificiais, criadas fora de um contexto sociocultural. É necessário um método de ensino, o mais humanizado possível, que perceba, antes de tudo, que a língua é uma produção de um povo, no caso do latim, do povo romano. Partir de *falas* legítimas para chegar à *lingua* é um caminho que, além de assegurar os liames entre língua e cultura, haja vista a recepção escrita, enseja discussões, em sala de aula, sobre cultura, mito, literatura, sociedade etc., que garantem um aprendizado mais democrático e consistente, pois, além da Gramática do latim, aprendem-se os discursos da Antiguidade, garantindo-lhes acesso.

Considerações finais

A pesquisa, embora mantendo sua feição própria, vincula-se particularmente a uma proposta mais ampla de renovação ou atualização dos Estudos Latinos – expressão com que se designam normalmente não só os estudos sobre a Língua e a Literatura, mas também sobre

a Cultura geral da Roma Antiga. O tema encontra sua justificativa na inspiração eminentemente social que o faz voltar-se para as necessidades de formação humanística do estudante de Letras, quer o que se destina ao ensino dos dois primeiros níveis da escola da cidadania, quer o que tem por meta a investigação de cunho acadêmico.

Dessa forma, com a preocupação de refletir sobre ensino e latim, o artigo apresenta duas propostas metodológicas – a recorrência e a normalização – que amenizam a problemática exposta. O método de perguntas e respostas para cada proposição normalizada estimula a recorrência das estruturas frasais do latim, ou seja, auxilia na aquisição da competência da língua, ressaltando as oposições de casos nos enunciados latinos. Assim, num estágio inicial, o aluno adquire as habilidades necessárias para formar a base do conhecimento da língua latina. Ao mesmo tempo, criam-se oportunidades para falar sobre a literatura, a mitologia e a cultura romanas. No caso da normalização, o aluno, ao término dos exercícios, poderá resgatar o enunciado original a fim de compreendê-lo cautelosamente, tendo vencido o estágio inicial do aprendizado da língua latina.

É necessário que se apresentem novas propostas metodológicas ao ensino do latim. Para tanto, é preciso reconhecer a Linguística como ciência fundamental aos estudos da linguagem e compreender, realmente, que o latim foi a língua materna dos antigos romanos.

Referências

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.
- CART, Allan *et al.* **Grammaire Latine**. Paris: Fernand Nathan Éditeur, 1955.
- CONTE, G. B. **Latin Literature**. A History. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- DEZOTTI, J. D. O Papel do Texto Documento. In: LIMA, A. D. *et al.* **Latim: da fala à língua**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1992. (Col. Textos).
- FIORIN, J. L. « Letras Clássicas no 2º grau: competência textual e intertextual? ». In: CARDOSO, Z. A (Org.). **Mito, religião e Sociedade**. Anais do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo, 1991, p. 515-519.
- GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris: Hachette, 1934.

- HARVEY, Paul. **The Oxford companion to classical literature**. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAVEDAN, Pierre. **Dictionnaire Illustré de la mythologie et des antiquités grecques et romaines**. Paris: Hachette, 1952.
- GRAVES, Robert. **The Greek Myths**. London: The Folio Society, 1996.
- LIMA, Alceu Dias *et al.* **Latim: da fala à língua**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1992. (Col. Textos).
- LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método**. São Paulo: Unesp, 1995.
- LIMA, Alceu Dias; THAMOS, Márcio. **Verso é para cantar: e agora, Virgílio?** Alfa: revista de linguística (Unesp), São Paulo, v. 49, n. 2, p. 125-132, 2005.
- LONGO, Giovanna. **Ensino de Latim: problemas linguísticos e uso de dicionário**. Araraquara, 2005. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- LONGO, Giovanna. **Ensino de Latim: reflexão e método**. Araraquara, 2011. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- PRADO, J. B. T. Latim, moinho e cavaleiros andantes. In: LIMA, A. D. *et al.* **Latim: da fala à língua**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1992. (Col. Textos).
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário Latino-Português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1983.
- VIRGÍLIO. **Géorgiques**. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2003.